

Officina de Tipos Floridos
R. José Paulino 12
Capital

A FLORESCENCIA

Jornal Litterario e Humoristico

Redacção: Rua Dr. Ricardo Gonçalves, 30



Director: JOSE' JORGE DAS NEVES

ANNO I

S. PAULO, MARÇO 1917

NUM. 9

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

Anno	2\$000
Semestre	1\$000
Numero avulso	\$200
atrasado	\$300

AVISO

Communicamos a todos em geral, que, só são redactores desta folha, os que possuirem uma carta de identidade firmada pelo nosso Director. Fazemos isto para evitar abusos.

O nosso Concurso

Publicamos hoje abaixo desta, o trabalho premiado, conforme haviamos prometido.

A comissão julgadora foi constituída pelos Snrs. Pedro Aletto, Julio Cezar Vizeu e Francisco A. Dell'Ape, que, com toda a imparcialidade examinaram os artigos.

O premio coube a Sr.ta Laurinda Maria, com o conto «Amor e Dever».

O resto dos trabalhos foram desclassificados.

AMOR E DEVER

Branca era uma rapariga bastante jóven e encantadora, mas no seu rosto divinal notava-se uma expressão triste.

Amava perdidamente o seu noivo, que era official.

Numa manhã, dessas manhãs de Maio todas sorridentes, Branca acordou sobresaltada ao chamamento da creada que lhe queria entregar uma carta.

Ela reconhecendo a letra de seu Vasco, abriu-a toda trémula receando alguma triste noticia

Efetivamente o seu coração não lhe mentia.

Era, sim, o seu noivo que lhe escrevia esta lacónica, mas angustiosa carta:

Branca:

«Parto amanhã para a fronteira a cumprir o meu dever de militar.

Com certeza que esta inesperada noticia lançar-te-ha na maior angustia, mas, minha querida, tem coragem e resignação, que em breve estarei a teu lado a cumprir tambem o meu dever de noivo.

«Espero por ti ás 6 horas no jardim».

Teu eterno Vasco.

Branca ao terminar a carta desmaiou. Quando recuperou os sentidos conservava-a ainda na mão, muito apertada.

— Meu Deus! dizia ela, como posso eu ter coragem, vendo partir o meu querido Vasco, ele, que é toda a minha vida! E' impossivel, porque é bem dolorosa esta separação!

Eram 6 horas quando, toda tristonha, seguiu para o jardim ao encontro de seu adorado noivo.

Ele esperava-a já, e Branca ao vê-lo correu para junto dele a chorar.

Houve um momento de grande silencio.

Por fim, Vasco, disse-lhe ternamente:

— Não chores mais, minha Branca! Se eu morrer no campo da batalha lembra-te que foi para defender minha Patria, o nosso querido Portugal! Eu quero que tenhas coragem e orgulho quando souberes que o teu Vasco foi um heroe, que soube briosamente defender a sua Patria!

Branca escutava-o, e com um sorriso comovedissimo, acrescentou:

— Sim, tu vaes partir, meu amor, mas... voltarás para junto da tua noiva? Oh! meu Deus! quanto eu sofrerei, por esta partida que é tão cruel!

E Branca chorava sem nutrir a doce esperança dum futuro risonho.

Grossas lagrimas orvalharam os olhos de Vasco e apertando entre as suas as mãos de Branca, disse-lhe:

— Branca, minha querida noiva, tu és e serás sempre a minha esperança! Nas tuas santas orações roga a Virgem por mim, pelo nosso puro Amor!

Chegando-se mais para junto de Branca deu-lhe em prolongado beijo na face, e, retirando-se bastante comovido, tornou a dizer-lhe:

— Adeus, minha noiva, tem coragem, em breve estarei a teu lado... Adeus!... Adeus!...

Branca só lhe acenava com o lenço todo humido das suas lagrimas.

— Meu Deus! ele voltará? dizia ela a sós.

Passaram-se mezes sem que Branca tivesse noticias do seu Vasco. Sofria bastante, porque amava-o verdadeiramente.

Desesperada com a sua situação resolveu ir para a Ambulancia de campanha, aonde batalhava o seu noivo.

Lá, com muito carinho e zelo, tratava dos feridos, e com palavras animadoras aliviava os seus soffrimentos; para todos tinha um olhar de dó e cheio de bondade. Em seu redór tudo era triste, só ouvia gemidos dilacerantes!

— Uma verdadeira e horrivel desgraça, dizia ela; e aproximando-se de varios combatentes feridos que acabavam de entrar, observou um quasi moribundo.

Correu imediatamente para junto d'ele, limpou-lhe o rosto todo ensanguentado, com o maior cuidado e carinho, e ao reconhecer que era o seu noivo, o seu querido Vasco, deu um grito cheio d'angustia dilacerante, e caio redondamente a seu lado.

Quando a foram levantar, Branca estava morta.

Vasco estremeceu ao reconhecer tambem a sua noiva adorada, e, fechando os olhos como quem ia dormir talvez eternamente, disse estas ultimas palavras:

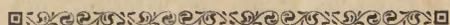
— Bran...ca, meu a...mor!

E os dois namorados por um capricho da sorte, sucumbiram no momento preciso em que se encontraram em campanha em que um ia em socorro do outro.

Quadro tétrico, cena repassada de tristeza! Triste designio de duas almas apaixonadas a quem o Além lugubrememente derrubou na pratica sublime da abnegação mais heroica!

Laurinda Maria

Ponta Delgada, Açores.



Syntaxe femminina

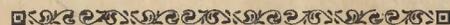
*Leio: «Meu bem não passa-se um só dia
Que de você não lembre-me». Ora dá-se!
Mas que terrível idiosyncrasia
Este anjo tem ás regras de syntaxe!*

*Continuo: «Em ti penso noite e dia...
Se como eu amo a ti você me amasse!»
Não! é demais! com fera tyramnia
A grammatica insulta em plena face!*

*Respondo: «Soffres? soffrerei contigo...
Porque razão te ralas e consumes?
Não vês que sou teu dedicado amigo?»*

*Jamais, assim, por teu algoz me tomes!
Tu me collocas mal! fazes commigo
O mesmo que fizeste com os pronomes?»*

D. XIQUOTE.



INGRATIDÃO

*Ser sincero é dizer tudo o que se faz ou pensa com isaldade.
Ser sincero é ter rara e preciosissima qualidade*



Pensei dever existir a sinceridade entre amigos... Julguei que essa virtude devia abranger, quando muito se restringisse, o circulo dos intimos... Mas o tempo e o mundo, cruél e amarga decepção, sob varios prismas se nos tem mostrado, tão multiplos quão multiplos são as suas miserias... amarga e cruél desillusão! Hoje a hypocresia é mais acceitavel. Marchamos para a imperfeição,

Quasi todos que dizem ser amigos trazem atada no rosto a mascara da insinuante hypocrisia. Ser hypocrita é, na maior parte das vezes, ter carta de recomendação para os mistéres mais sagrados do existir.

Nos nossos dias, quasi sempre, ser sincero é não ser amigo, é ser ingrato, é não ser affectuoso, é ser mau critico e mais ainda. A sinceridade é uma flor fanada...

São bons interesseiros os tecedores de panegyricos, embora incompetentes para julgamento.

Si na vida tudo é mentiroso, resta-nos apenas a sinceridade, como lenitivo aos desgostos, na communhão dos pensamentos.

O tempora! o mores! bradou Cícero contra a perversidade dos homens... e... eu direi: Oh hypocritas! Oh ingratos!

ORLANDO PRADO

Santa Izabel, março, 1917.

MINHA TERRA

*“Verdes mares bravios de minha terra natal,
onde canta a jandaia nas frondes da carnadba”.*

(José de Alencar—“Iracema”)

Tu, que foste o berço da luz radiante e esplendorosa, que em 25 de março de 1884 deslumbrou o vasto Imperio do Brasil, impondo-lhe admiração e respeito: Hoje repousas!

Tu, que liberaste com o teu acto nobilissimo e cheio de magnanimidade, a parte de teus filhos que estava sob o poder e dominio de outros e rompeste o vinculo tyramnico e vil que os unia, acabando com o privilegio de uns sobre a pessoa e a vida de outros—senhores e escravos: Hoje dormes!

O teu gesto altivo e grandioso que foi o primeiro á nascer e que scintillou em todos recantos do immenso territorio patrio, elevou-te acima do que eras: a terra de heróes, a terra da jangada, a terra de Poty—o heróe indio do nosso tempo colonial que veio chamar-se Dom Antonio Phelippe Camarão! Depois deste teu feito glorioso, vieste a ser, com muita razão, cognominada pela generalidade dos brasileiros: Terra da luz!

Foi 25 de março o germen que semeou no coração patriotico da mãe-patria, essa outra acção immortal e magnifica que os annaes da nossa Historia com tanto carinho como orgulhosamente registra, e que, para sempre, illuminou no fóro de povo civilizado que eramos, as trevas em que viviamos imersos! E' o dia 18 de maio de 1888 que, apparece irradiante de alegria e offuscante de luz sublime, no qual, cada brasileiro, desde o Amazonas ao Prata, inebriante de

orgulho e patriotismo parece clamar. Liberdade! Liberdade!

Desperta! Oh terra minha! Porque dormes com a Natureza á sorrir, o sol nascido e acariciador que nos chama á trabalhar; os passaros nos bosques e prados a gorgear, os campos e varzeas aljofradas, resplandecentes aos infinitos raios brilhantes do sol, as arvores ondulantes vivas de seiva, e a brisa deliciosa que nos affaga os olhos, o rosto e o corpo?

Acorda! Oh berço meu! Porque repousas quando, o céu, escuro e negro, ameaça a terra, o sinistro corvo, passa taciturno no espaço, com o seu largo vôo, farejando ou presentindo presas para o seu féro e nojento appetite, e a tempestade ribomba no horisonte, com o furor terrível de um tigre esfaimado e o desespero d'um naufrago sobre as vagas agitadas e procellosas do oceano em furia?

Desperta! Oh terra de Iracema! Não ouves ao longe, o repercutir dos canhões e o retumbar das metralhas? Não vês, além, o devoramento, a carneficina, a destruição e o assassinio de homens contra homens? Não presentes, acolá, os lares desertos, os campos abandonados, as honras violadas, a dôr a fome, a mutilação, a tyramnia, a miseria e a escravidão?

Acorda! Oh terra dos coqueiros! Não vês, acaso, como a Natureza está ameaçadora e terrível? Emquanto que as tuas irmãs, prevenido os perigos que ameaçam-nas, trabalham e prosperam, vives nesta indifferença, neste lethargo e longo repouso em que te achas, há quasi meio-seculo! Porque deixaste de occupar a tua posição culminante entre ellas? Não comprehendes porventura, que tratam-te agora com commiserção e piedade?

Desperta! Oh terra de Alencar! Preferes, talvez, a decadencia, o desprezo, a compaixão, ou a esmola, ao progresso, á admiração, a grandeza, ao orgulho e a riqueza?

Coelho de Araujo.

S. Paulo, 1916.



JACYRA

(Parodia)

Quando Jacyra morreu
O sino poz-se a chorar.
Lágrimas vinham do céu,
Lágrimas tinham no lar...

Lindo enterro foi o seu!
Tão bello para attestar:
Jacyra—o anjo do céu,
Jacyra o anjo do lar... —

A negra morte a colheu!...
Repete tudo a chorar,
Alegre só está o céu,
Será deste anjo seu lar.

E quando a tumba desceu,
O corpo para inhumar,
Um anjo veio do céu...
Levou Jacyra a seu Lar.

Quando na terra viveu...
Vivia só para amar;
Agora vive no céu...
— E' Santa e Santo o seu Lar.

DALILA BRANDÃO.

Santa Izabel, 10-2-1916.

Serenata Árabe

(Continuação)

Chegou-se á ella, e falou-lhe, mas... (cousa triste) d'elle ella nem lembrança conservára na alma; os horrores da miseria e da desgraça fizeram com que ella se esquecesse de si mesma!

Roberto doeu-se mais do que nunca e cabisbaixo retirou-se depois de lhe haver dado algumas moedas, as ultimas que lhe restavam depois de uma noite orgiaca e criminosa ao mesmo tempo. Desde aquelle instante ninguem mais o viu sorrir como aliás era seu costume ao entrar na taverna; e sua fronte nobre e altiva curvou-se triste e dolentemente para o peito, ao peso de uma dor desconhecida. Elle amava a bôa, a misera Malvina, mas ella nem siquer se recordava de seus beneficios!

Uma noite foi encontrada á dormir na escadaria de uma igreja por um bando de apaches companheiros de Roberto que se divertiam á falta de outra cousa, á luz pallida

da lua; acharam-n'a bella, capaz de auxiliá-los em arduas empresas e levaram-n'a então triumphalmente ao antro onde re reuniam frequentemente.

Roberto teve então óptimas occasiões de observá-a melhor, cada vez mais soube desta triste verdade; ella era a sua Málvina a sua protegida, a mesma que salvará um dia das garras da fome! Amou-a, revelou-lhe o seu segredo, e ella cujo coração se petrificára quasi pelos horrores por que havia passado ousou ainda que debilmente recusar-se aos seus carinhos.

Mais tarde ella tornou-se amante de um ex-subdito de Roberto, e este para deixá-los em paz desapareceu por sua vez. Porem a fatalidade quiz que novamente elles se encontrassem e...

A pessôa de quem se falava alli na taverna era essa mesma fatal Malvina; Por isso é que elle, sabendo que a desditosa havia de ir d'ahi á algumas horas ser "bailarina gigolette" d'aquella taverna immunda, nadando por sobre os vapores suffocantes do alcool, revoltou-se indignado, e seu peito quasi explodiu na loucura da raiva. Não a queria vêr por preço algum beijar e abraçar alli, á dois passos de si, cynica e indolentemente todos quantos lhe offerciam um punhado de ouro. Para elle seria o cumulo da desventura e da dor.

— Roberto será o nosso pianista: gritou furibundo de alegria pelo bom successo do plano urdido, o dono da taverna que ignorava por completo o effeito que suas palavras produziam n'aquelle cérebro de joven apaixonado e esquecido como um ente inutil.

— Viva Roberto, Rei dos apaches! bradaram então os outros sacudindo pelo ar condensados de vapores os bonnets de panno preto que usavam por antiga tradição.

Elle, porém, não fez caso desta aclamação de amigos; ao ouvir as palavras do bilioso taverneiro um quê de amargo passou-lhe pelas veias cujo sangue fervia como nas convulsões de uma ancia enorme. Prudentemente sorriu aceitando assim o logar de pianista para tão bellas noites em que não faltaria dinheiro, nem vinhos e nem mulheres.

Previu um cunho fatal em tudo aquillo e attendia impassivel aos caprichos do Destino inexoravel.

Acalmaram-se os espiritos pela

entrada de outros individuos da mesma sórdida esphera, porem, não interromperam a conversação.

Um d'elles continuou a meia voz:

— E ella terá de concorrer com sua belleza extraordinaria para o bom éxito de nosso ultimo projecto, e o tal marquez que não é homem de deixar escapar das mãos um corpo de mulher bonita cahirá na armadilha sem mesmo dar por isso.

N'isto pela porta larga que dava entrada appareceu um rapazito muito franzino de corpo, typo de verdadeiro idiota á quem o taverneiro gritou roucamente:

— Vinho, oh! rapaz. Agora é que se vem para o trabalho? Tra-ga-me vinho!

— A flôr, a taça e a mulher só merecem beijos quando o philtro do praser as enebria e enche!

E o pequeno rapaz, com os olhos muito pequenos como que afundados nas órbitas mirou o interior do balcão ás pressas algumas garrafas cheias de vinho, e foi servir-os cambaleando ainda talvez de medo.

RAOUL POLILLO.

(Continúa).

Senhora!...

E's sempre a mesma, a bella e ideal senhora,
De uma graça sem par, enlevadora,
Nascida para um throno.
Tua voz como o canticto de uma ave,
Que vibra na minha alma, doce e suave,
E' o que mais ambiciono.

Si te acompanho, amargurado pranto
Banha-me os olhos que te fitam tanto,
Amor assignalando...
Pois n'em uma esperanza tenho mais
No teu amor que agonisantes ais,
Me faz ir exhalando!

Alegremente ris: na flôr do riso,
Que me faria a vida um paraizo,
Vejo cheio de dor,
O desprezo, o grãcejo, o fingimento,
Mastrando-me futuro soffrimento,
Futuro dissabor!

A vida é assim — um sonho uma illusão —
Que de todos transforma o coração
Em abrigo da sorte;
Uns riem, gozam, cantam loucamente,
Outros em pranto immersos, tristemente
Ao céu pedem a morte!

S. Paulo.

Alfredo Teixeira Graça.

INTIMO

A Alguem

Hontem fui vel-a. N'alma allucinada
Embalava a esperanza de falar-lhe
Desta chamma de amor que me tortura,
Que a vida assim me torna amargurada;
Fui disposto afinal a declarar-lhe
Esta grande paixão
Que somente procura
Despedaçar-me o pobre coração!

Cheguei, e logo ao vel a
Puz-me pensando um meio
Para dizer-lhe: eu tenho aqui no seio,
Palpitando,
Um pobre coração que, linda estrella,
Vae lentamente
Perdendo essa alegria
Fremente,
Que até ao ver-te, flor, sentia!
Um desgraçado coração que, outr'ora
Era feliz e agora
Soluça, geme como um louco,
E vê fugir-lhe a vida pouco a pouco!
Jamais como hoje,
Creança eu padecei;
E nunca mais da minha mente foge,
A lembrança do dia em que te vil

E tu que és santa e boa,
Esse infeliz perdôa,
Aqui te imploro d'olhos razos d'agua;
Olha como elle em lagrimas explode!
A esta tortura atroz a esta profunda magua
Resistir ninguem pode.

A incerteza que sinto me allucina!
Este favor por isso me concede:
Com teu amor, tu que és divina;
Mata a minha fome e a minha sede!

Assim eu lhe quiz falar, no entanto
A coragem fugiu-me e nada lhe falei:
Immenso espanto
Se na incerteza fui, nella voltei!
Se ella accaso, porem, como eu presinto,
Dos olhos a linguagem já conhece,
Não è preciso, ó não, que eu lhe confesse
O louco amor que n'alma sinto!

S. Paulo.

José Jorge das Neves.

PENELOPE

Por Costa Macedo

uma madrugada de abril desalentado,
sem rosa no horisonte, acordou
resolutamente Delfina para se despedir.

O aventureiro queria ir para a America do Cabral. Mas, em Lisboa, dias antes de embarcar, relacionou-se com um açoriano, rico negociante de Boston: e, desviado por elle com o informe de que Boston era a Summa Terra da Riqueza, preferiu a America do tio Sam. De resto, o açoriano, magnanimo

POSTALES

Ao collega Coelho de Araujo

Nas apreciações feitas em vosso postal escripto em certo semanario que se publica nesta Capital, sobre a vaidade do homem, empregais termos que lhe são immerecidos. Occasiões ha em que a vaidade do homem corresponde á posição social que occupa.

A quem ama.

O amôr puro e sincero que une dois corações leaes e nobres, de duas pessoas que se comprehendem, è a porta aberta que nos conduz, para o caminho da suprema felicidade. David Bueno Machado.

O amor nasce num olhar, vive numa sympathia, soffre numa saudade e morre numa inconstancia.

A sinceridade è uma planta das regiões longiquas, que para viver no clima da verdadeira amizade, são necessarios cuidados inegotaveis afim de que ella não pereça ao mais leve sopro da discordia.

Beatriz N. Moreira.

Coisas e Coisinhas

(BRÁZ)

De uma distincta Snr.ta que se occulta sob o pseudonymo de "Astuta", recebemos a seguinte lista de rapazes e moças:

RAPAZES

Aymberé, o fiteiro — Paulo Marcello, o creançaola — A. Marcello Junior, o engrossador, — Sutterland, o elegante — J. de Lucca, o sincero — Reynero F. Alves, o apaixonado — Camillo de Campos, o garganta — Bonifacio, o risonho — Carli o, o galante — Sylvio, o sisudo — Waldomiro, o altivo — Totó, o desolado — Mario, o gigante.

e patriota, dera-lhe uma carta de recommendação valente; «Embora homem d'annos e sem pratica, — ordenava, no fecho da carta, o chefe do negocio aos seus subordinados, — empreguem-no ahi em nossa casa». O que equivalia a dizer-se collocado logo que botasse pé em terra.

Com tal arrimo, ia esperançado, — certo, e melhor, de que em periodo não serodio, acugularia de dinheiro o seu bahu de sequioso, como o seu patricio das lindas ilhas esmeraldinas do Atlantico, que pouco depois de largar com lagrimas de parvulo a sua pobre costa... apenas rica de penedos, e musgos, e algas — recolhia ás mancheias

MOÇAS

Sara, a sympathica — Noemi Valente, a bondosa — Florinda, a engraçada — Rosa, a buliçosa — Guiomar G. a sonhadora — Angelina B. a orgulhosa — Olga B. a namorada — Filhinha, a graciosa — L. de Castro, a melancolica — Lydia Barsotti, a indifferente — Francisca Marcello, a apaixonada — Rosa Pinheiro, a risonha — Flora, a engraçadinha — Astuta, a linguaruda.

CORRESPONDENCIA

Sr.ta M. B. a sua lista não pode ser publicada porque está muito pesada.

Sr.ta L. X. po e mandar que com muito gosto publicaremos.

Sr.ta P. D. idem, idem.

Sr.ta Astuta, agradecidos esperamos que continue a nos mandar dessas listinhas. Sobre o resto de sua carta fique sabendo que nada nos deve por essa publicação.

Sem mais,

Dr. SILENCIO.

CAIXA

Snr. Lazaro A. de Mattos. Capital — O seu trabalho está aguardando occasião para o publicarmos, pois è um tanto longo e nós dispomos de muito pouco espaço.

Snr. João B. Pontes. Massapé-Ceará. — Tomamos nota dos dizeres de sua carta. O jornal ser lhe ha enviado conforme pede, e, com respeito aos trabalhos que nos enviou, vamos ver se no proximo numero, poderemos publicar em delles.

Sr.ta B. N. M. Capital — O seu soneto, "Sympathia" não pode ser publicado pois tem estes versos errados:

"Por entre o arvoredado campeзино"

"Se doce è ver o despontar matutino"

"Quando Phebo as aves vão saudando,"

"Com seu sonoro cantar electri-ando"

"O rubro astro por detraz do outeiro"

"Para mais luzente depois levantar se."

Ora sendo o seu soneto decassylabo não pode ter versos de 9 e 11 syllabas, co esse tem. Sei perfeitamente que foi distracção, porem para outra vez tome mais sentido, pois eu sei perfeitamente que a Sr.ta conhece essas regras do verso.

J. J. N.

as tão almeçadas «aguias» ao seu sacco bostolento d'imigrante.

E o que se segue, è que meia duzia de annos em Massachussettes foi o bastante para que Guilherme se tornasse um regular negociante de Boston, o seu credito de burguez remediado nas casas fornecedoras, o seu posto de coriphieu conselheiral na honest Colonia. E isso sem auxilio de ninguem, da propria casa do açoriano, cujos socios lhe disseram á! ao cabo de poucos mezes de lide.

E' verdade que até ascender a esse sócco mourejou muito derreou todo o seu vigor, mesurou bastas

(Continúa).